

## ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Cléria Anizia da Silva Oliveira<sup>1</sup>  
Edaiane Sales de Sousa<sup>2</sup>  
Francisneire Anisia da Silva<sup>3</sup>  
Michele Salette Reis<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as práticas tradicionais de ensino adotadas pela educação brasileira e que têm sido um grande desafio nas últimas décadas no processo de alfabetização. Para seu desenvolvimento, adotou-se a pesquisa bibliográfica a partir de autores que escreveram sobre alfabetização, e a pesquisa quantitativa, por meio de questionários semiestruturados, a fim de verificar as percepções dos professores acerca do processo de alfabetização. O estudo teórico sobre a alfabetização pautou-se em autores como Bello (2001), Cagliari (1998), Mortatti (2006), Santos (2012), entre outros. Percebe-se que as práticas tradicionais se deparam com um novo modelo de ensino onde é contemplada a aprendizagem significativa embasada nas mudanças ocorridas ao longo deste processo histórico, que passa a exigir da educação um procedimento mais dinâmico e significativo no processo de ensino aprendizagem do aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Práticas pedagógicas. Aprendizagem Significativa.

### LITERACY: CHALLENGES FOR MEANINGFUL LEARNING

**ABSTRACT:** This work aimed to reflect on the traditional teaching practices adopted by Brazilian education and which has been a great challenge in recent decades in the literacy process. For the development of this work, bibliographical research was adopted from authors who wrote about literacy and quantitative research, through semi-structured questionnaires, in order to verify the perceptions that teachers have about the literacy process. The theoretical study on literacy was based on authors such as Bello (2001), Cagliari (1998), Mortatti (2006), SANTOS (2012), among others. It is noticed that traditional practices are faced with a new teaching model where meaningful learning is contemplated, based on the changes that occurred along this historical process, which requires from education a more dynamic and significant procedure in the teaching learning process of the student.

**KEYWORDS:** Alphabetization. Practices Pedagogic. Significant Learning.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma reflexão das práticas tradicionais de ensino adotadas pela educação brasileira e que têm sido um grande desafio nas últimas décadas no processo de alfabetização.

---

<sup>1</sup>Pós-graduada em Educação Especial com ênfase em Libras. Professora. E-mail: cleria\_anisia@hotmail.com

<sup>2</sup>Pós-graduada em Auditoria, Controladoria e Perícia; em Docência do Ensino Superior; e em Educação Infantil Anos Iniciais e Psicopedagogia. Professora. E-mail: daiane89bg@hotmail.com

<sup>3</sup>Pós-graduada em Gestão e Educação Ambiental. Professora. E-mail: francisneire@hotmail.com.br

<sup>4</sup>Mestra em Ensino de História. Professora. E-mail: michelereis92@hotmail.com

A história da alfabetização, em especial no Brasil, apresenta mudanças nas práticas de ensino e aprendizagem que vem fundamentadas em um leque de concepções. O ato de alfabetizar no Brasil, no que diz respeito às práticas escolares, deixou de ser apenas um processo tradicional de aprendizagem da leitura e da escrita, o que antes partia apenas da necessidade de alfabetizar o indivíduo e inseri-lo no mundo letrado, atualmente passa a se deparar com uma nova forma de ensino contemplando a dinâmica e a subjetividade da aprendizagem significativa.

Para a produção deste artigo, foi realizado um estudo bibliográfico a partir de autores que escreveram sobre o processo de alfabetização nas últimas décadas, e foi aplicado um questionário semiestruturado aos professores das escolas municipais do município de Aragarças-GO, a fim de verificar a formação dos professores, os métodos, os recursos e a organização do ambiente utilizados por estes profissionais no processo de alfabetização.

A partir desse diagnóstico, inicia-se algumas reflexões e discussões que defendem a alfabetização significativa numa perspectiva sócio-construtivista, apontando alguns desafios que impedem os professores de consolidar a alfabetização significativa.

## **2. ALFABETIZAÇÃO E UM BREVE HISTÓRICO DESTA PRÁTICA**

### **2.1 A ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA LEITURA E DA ESCRITA**

O desenvolvimento da comunicação humana partiu da necessidade que o homem primitivo tinha em expressar-se e satisfazer seus anseios, onde, de fato, deu início ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, de acordo com Cagliari (1998, p. 12-14), “O aprendizado da escrita começou de maneira autônoma, onde esta necessidade nasceu de situações vividas no cotidiano destes povos”. No que diz respeito à leitura, Cagliari ressalta ainda que esta é a inventora da escrita, o homem primitivo, ao desenhar em cavernas, descobriu que as figuras eram uma leitura, compreendendo que ela poderia ser uma configuração da vida real e de seus desejos.

Desde então, estes povos primitivos começaram a aprimorar a escrita, desenvolvendo símbolos e figuras com representações de suas ideias e expressões, de maneira a satisfazer suas necessidades. Os poucos relatos que mostram a ligação entre os antepassados e o surgimento da leitura e da escrita devem-se às figuras esculpidas em cavernas, que nos deram uma breve compreensão deste processo. “Nesta época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava

saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los” (CAGLIARI, 1998, p. 14).

Esta percepção que se tinham sobre a educação, de fato, ainda é algo que nos acompanha até os dias de hoje, onde a educação brasileira limita o aprendizado do aluno ao ensino da leitura e da escrita, considerando alfabetizado qualquer cidadão que saiba ler e escrever. Como Cagliari destacou, a aprendizagem nasceu de maneira autônoma, deste modo, é muito importante que se leve em conta o conhecimento prévio do aluno. Ferreira (2009, p. 65) corrobora que “Muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que se encontram ao redor em livros, embalagens comerciais, cartazes de rua e até anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, e entre outros”.

## 2.2 ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Atualmente, no Brasil, a alfabetização é compreendida como um processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita que tem suas raízes históricas entrelaçadas às controvérsias a respeito de política, cultura e o social, onde o tema se constitui a partir de bases fragmentadas, nas quais algumas pesquisas bibliográficas buscam esclarecer o assunto abordando focos diferentes, que ora envolvem cartilhas, ora envolvem práticas pedagógicas ou métodos escolares, entre outros assuntos, em que, na maioria, as discussões se baseiam sempre no saber ou não saber ler e escrever.

De acordo com Bello (2001), os primeiros relatos sobre a história da alfabetização no Brasil tiveram início no ano de 1549, com a chegada dos jesuítas, enviados pela coroa portuguesa com a missão de cristianizar os índios. “Quando os jesuítas chegaram por aqui, eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia; trouxeram também os métodos pedagógicos” (BELLO, 2001, p. 3). Bello explica que a história da alfabetização no Brasil é marcada por várias rupturas, que envolve disputa de território e imposição da cultura europeia aos nativos que viviam aqui. Mais tarde, isso é reforçado com a chegada da família Real, que trouxe para cá uma forma educacional já padronizada, o que iniciaria um novo ciclo na história da alfabetização brasileira.

A educação brasileira sempre esteve em segundo plano, pois ela continuaria sendo deixada de lado mesmo após a proclamação da república, daí em diante, a alfabetização se transformaria em um dilema, sofrendo diversas mudanças, ocorridas em cada período que se sucedia marcado por uma trajetória política e cultural. Como afirma Silva (1998, p. 18), “[...] o início da educação em sua dimensão histórica é praticamente inexistente [...]”, isso porque

alguns estudiosos do caso tratam o tema por meio de fragmentos do que seria o real início da alfabetização brasileira, assim, Bello (2001) corrobora ao fazer uma sucessão de relatos mostrando que os índios que residiam aqui também tinham uma forma de alfabetizar seu povo. Desta maneira, se no lugar dos portugueses os índios é quem tivessem imposto sua cultura, certamente hoje estaríamos falando “Tupi Guarani”. Contudo foram os portugueses quem levaram o crédito, onde foi estabelecido um marco político que associa este momento à primeira década do período republicano; foi neste período que, politicamente, a alfabetização passou a fazer parte de nossa história, incorporando-se as iniciativas públicas como meio de organização e estruturação da sociedade.

### 2.3 A ALFABETIZAÇÃO E OS MÉTODOS TRADICIONAIS DE ENSINO

De acordo Mortatti (2006), a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de ensino, que desde o século XIX vem gerando tensas disputas relacionadas a “antigas” e “novas” explicações para o mesmo problema – a dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever. Os métodos utilizados na alfabetização são usados em sala de aula por meio das cartilhas e dos livros didáticos, que se dividem em duas grandes linhas, os métodos sintéticos, que envolvem concepções mais tradicionais na educação, sendo eles o alfabético, o fonético e o silábico. Segundo Mortatti (2006),

Posteriormente reunidas às letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas às famílias silábicas, ensinava-se a ler as palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas e agrupadas. Quanto a escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases enfatizando-se o desenho correto das letras. (MORTATTI, 2006, p. 5).

E os métodos chamados de analíticos, que priorizam a análise e a compreensão de textos, dando luz a uma nova proposta de alfabetização. Para Mortatti (2006),

Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção, — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como uma sincrética. (MORTATTI, 2006, p. 7).

Deste modo, o processo de alfabetização no Brasil ainda acompanha as práticas tradicionais desenvolvidas nas cartilhas, contudo, estes métodos começam a deparar-se com a

ideia de que o saber é infinito e não deve se limitar somente a esta prática de aprendizagem. Esta nova fase que a educação brasileira busca superar é, de fato, desafiadora, onde a forma padronizada adotada por muitos professores faz com que a introdução da aprendizagem socioconstrutivista seja cada vez mais difícil de ser superada, devido aos métodos de ensino já estabelecidos historicamente. De acordo com Cagliari (1998),

Quando o professor diz que não adota a cartilha, continua usando o método da cartilha fazendo ele próprio o que antes vinha nos livros didáticos. Contudo há cada vez mais um número crescente de professores que estão conduzindo um processo de alfabetização diferente do método das cartilhas, procurando equilibrar o processo de ensino como de aprendizagem, apostando na capacidade de todos os alunos para aprender a ler e escrever. (CAGLIARI, 1998, p. 31).

#### 2.4 ALFABETIZAÇÃO E SUA PRÁTICA NA ATUALIDADE: IMPASSES E PERSPECTIVA

As mudanças ocorridas nos setores tecnológicos, que conseqüentemente vêm se refletindo no meio social, fizeram com que a visão que se tinha antes sobre a educação perdesse cada vez mais espaço no mundo contemporâneo. Libâneo (2001 p. 2) destaca que “Na perspectiva histórico-social, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos”. Deste modo, os paradigmas que surgiram em torno da educação brasileira têm contribuído para um questionamento mais amplo e fragmentado que discute as formas tradicionais da alfabetização em sua dimensão histórica, incorporando a ela uma nova face no mundo atual. Como afirma Rovani (2004, p. 40-41), “[...] durante séculos a educação tradicional tentou levar os alunos a não errar nunca, acreditando que o aprendizado ocorreria quando eles davam a resposta certa para as questões propostas [...]”.

As dificuldades que as crianças possuem em entender o que o professor explica passaram a ser um desafio ainda maior para o educador, uma vez que a alfabetização atual se inicia mais cedo que antes, e as mudanças tecnológicas contribuem para um questionamento prévio da criança baseado em sua percepção do mundo.

A qualidade da alfabetização desenvolvida em sala pelo educador é outro paradigma que tem sido observado ao longo do tempo, onde pesquisadores buscam compreender as dinâmicas do conhecimento e as maneiras de como ele acontece, dando ênfase ao processo de desenvolvimento educacional infantil. Estudiosos como Jean Piaget e David Ausubel deram

suas contribuições à educação ao abordarem temas que tratam da construção do conhecimento e a assimilação do aprendiz de forma subjetiva, onde o desenvolvimento da criança passa a ser analisado como um “todo” na interação do seu ambiente individual e social.

Essas considerações desencadearam impasses e desafios importantes, questionando o tradicionalismo na alfabetização e apontando as vantagens da aprendizagem significativa no conceito construtivista. Deste modo, a teoria piagetiana “[...] preocupou-se em compreender a gênese (origem) e a evolução do conhecimento humano e, diante desse objetivo, procura identificar quais são os mecanismos utilizados pela criança para conhecer o mundo [...]”, (FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009, p. 31), assim como a teoria cognitivista e construtivista de Ausubel, “[...] concebida como processo de compreensão, reflexão e atribuição de significados do sujeito, em interação com o meio social, ao constituir a cultura e por ela ser constituído [...]” (MASINI, 2010, p. 16).

Ausubel (1968, apud MASINI, 2010, p. 19) destaca que “O ensino deve partir daquele que compreende (da pré-compreensão para a compreensão, para mais compreensão) o fator isolado mais importante a ser considerado no ensino é o que o aluno já sabe”.

## 2.5 ALFABETIZAÇÃO NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A visão de Piaget e Ausubel seria evidenciada na prática, onde a alfabetização atual passou a confrontar-se com as exigências de um ensino mais significativo no processo da alfabetização. Piaget concluiu em suas pesquisas que “todo organismo vivo precisa viver em equilíbrio com o meio ambiente caso o contrário não sobrevive” (PIAGET, 1978, apud MASINI, 2010, p. 31). Essa reflexão parte de sua visão de que o aprendizado humano está em constante desenvolvimento, portanto, o conhecimento não se constrói de maneira autônoma, mas sim de forma subjetiva em interação com os diferentes ambientes do indivíduo. Contudo o método tradicional adotado nas escolas fez com que o educador reagisse passivamente a essas exigências, dificultando a promoção da aprendizagem significativa. Sendo assim, Santos (2012) diz que

O modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informações prontas e ter, como única tarefa é repeti-las na íntegra. A promoção da aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, no qual o aluno é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais. (SANTOS, 2012, p. 2).

Partindo do argumento descrito por Santos (2012), observa-se a necessidade de se introduzir mudanças no método tradicional da alfabetização brasileira, priorizando a construção do saber como um todo. Desse modo, Cocco e Hailer (1996) corroboram ao afirmar que o processo de ensino-aprendizagem para a alfabetização deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas por intermédio de uma linguagem real, natural, significativa e vivenciada.

Sendo assim, o educador deve propiciar ao educando um entendimento lógico dentro da realidade do seu meio social, levando em conta toda a bagagem cultural e seu conhecimento prévio do mundo para então dar um significado ao que está sendo estudado. Para tanto, ele pode adotar recursos importantes que usem situações do cotidiano, relacionando-os com a metodologia utilizada em sala de aula, como histórias, vídeos, revistas, bula de remédios, jogos, trava língua, poemas, atividades que estimulem o raciocínio lógico, dentre outros, associando-os a situações reais. “[...] é aprendendo sobre o aprender da criança que poderá dar outro sentido ao seu ensinar [...]” (TEBEROSKY, 1948, p. 8).

## 2.6 OS JOGOS E TIPOLOGIA TEXTUAL PARA UMA ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA

A proposta da prática que contempla a promoção da aprendizagem significativa pelo alfabetizador tem como argumento “priorizar o conhecimento prévio do aluno”, assim sendo, Cocco e Hailer (1996, p. 25) afirmam que “na aprendizagem da leitura e da escrita, as crianças têm como ponto de partida o sentido do mundo e dos objetos que as cercam, porque aprendem pensando, estabelecendo relações sobre as características da linguagem presentes ao seu redor”. Neste sentido, o educador pode desenvolver atividades que estimulem a relação entre a criança e o ambiente social em que ela está inserida, utilizando jogos e produções de textos que contemplem um significado maior ao aprendizado, desenvolvendo atividades educativas como: letras do alfabeto, jogo das caixinhas, jogo da caixa com nomes, jogo da memória, boliche, jogo das argolas, combinação de palavras, quebra-cabeças, jogo de dominó e outros. Os autores destacam ainda que o jogo está presente no cotidiano da criança, e que quase toda atividade é jogo, e é por meio do jogo que ela constrói grande parte de seu conhecimento.

As produções textuais também são consideradas um excelente suporte para o educador desenvolver em sala de aula, onde ele pode buscar outras formas de trabalhá-las utilizando recursos como notícias de jornais e revistas; leituras por meio de gravuras, símbolos, rótulos,

bula de remédios, placas; músicas literárias, poesias e rimas, entre outras atividades que estimulam o aprendizado do aluno de maneira subjetiva e dinâmica.

Por meio das produções textuais, as crianças aprendem de forma mais natural e guardam o conhecimento consigo, ao invés de simplesmente decodificá-los. Assim, Cócó e Hailer (1996) corroboram afirmando que as práticas textuais têm como função transmitir conhecimentos, descobertas e conclusões, além de contribuir para uma melhor comunicação entre as pessoas, facilitando as atividades do dia-a-dia.

### 3. ALFABETIZAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE ARAGARÇAS-GO

Considerando a reflexão sobre as novas práticas de ensino e aprendizagem na alfabetização, foi realizada uma pesquisa com professores do 1º e do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação foi realizada em seis (6) escolas no município de Aragarças-Go. Os dados foram coletados em seis (6) turmas do 1º ao 2º ano do Ensino Fundamental. As perguntas foram destacadas no início de cada tabela, como também comentada ao final desta.

#### Quanto à graduação dos educadores:

Tabela I - 1º ano

Graduação do educador	Frequência	Frequência %
Graduado	—	—
Pós-graduado	05	83,34%
Ainda não graduou	01	16,66%
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

Tabela I - 2º ano

Graduação do educador	Frequência	Frequência %
Graduado	—	—
Pós-graduado	06	100%



Ainda não graduou	—	—
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

As tabelas acima indicam o nível de graduação dos educadores dos 1° e 2° anos, sendo que dos seis (06) professores entrevistados dos 1° anos, 83,34% possuem pós-graduação, enquanto nas turmas dos 2° anos, em que também foram entrevistados seis (06) educadores, este índice chega a 100%. Quanto ao percentual de professores que ainda não se graduaram, foram de 16,66% para os professores dos 1° anos. Não houve índice de professores com somente graduação nas duas turmas.

#### Dados referentes à área de formação do educador:

**Tabela II - 1° ano**

Áreas de Formação	Frequência	Frequência %
Letras	01	16,66%
Pedagogia	05	83,33%
Normal superior	—	—
Não cursou	—	—
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

**Tabela II - 2° ano**

Áreas de Formação	Frequência	Frequência %
Letras	02	33,33%
Pedagogia	03	50%
Normal superior	01	16,67%
Não cursou	—	—
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

A análise dos dados apresentados nas tabelas acima é referente à área de formação dos educadores dos 1° e 2° anos. Dos seis (06) professores pesquisados nas turmas de 1° anos, 16,66% correspondem a professores graduados em Letras e 83,34% possuem graduação em

Pedagogia. Não houve índice de professores formados em Normal Superior e que ainda não se graduaram. Já nas turmas dos 2º anos, dos seis (06) professores pesquisados, 33,33% possuem graduação em Letras, 50% em Pedagogia e 16,67% em Normal Superior. Não houve índice de professores que ainda não se graduaram nessas turmas.

**Dados referentes aos métodos utilizados em sala pelos educadores:**

**Tabela III - 1º ano**

Métodos	Frequência	Frequência %	Métodos
Sintético	05	83,34%	Sintético
Analítico	—	—	Analítico
Sintético/Analítico	01	16,66%	Sintético/Analítico
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>	<b>Total</b>

**Tabela III - 2º ano**

Métodos	Frequência	Frequência %	Métodos
Sintético	04	66,67%	Sintético
Analítico	—	—	Analítico
Sintético/Analítico	02	33,33%	Sintético/Analítico
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>	<b>Total</b>

As tabelas acima mostram a relação dos métodos utilizados pelos educadores dos 1º e 2º anos para alfabetizar os alunos. Foram apresentados os seguintes métodos: Sintético (somente) que obteve um percentual de 83,34% para professores dos 1º anos e 66,67% para professores dos 2º anos. Não houve percentual de utilização dos métodos (somente) Analíticos pelos professores de ambas as turmas. Quanto ao índice de utilização dos (dois) métodos analítico/sintéticos, o percentual de utilização pelos educadores é de 16,66% para professores dos 1º anos e 33,33% para professores dos 2º anos.

**Dados referentes à análise dos recursos utilizados por estes educadores no processo de alfabetização:****Tabela IV - 1º ano**

<b>Materiais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência %</b>
Cartilha	06	100%
Textos diversos	05	83,33%
Jogos	05	83,33%
Histórias	05	83,33%
Jornais	04	66,66%
Vídeos	04	66,66%
Brinquedos	04	66,66%

**Tabela IV - 2º ano**

<b>Materiais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência %</b>	<b>Materiais</b>
Textos diversos	06	100%	Textos diversos
Jogos	05	83,33%	Jogos
Histórias	05	83,33%	Histórias
Cartilha	04	66,66%	Cartilha
Jornais	03	50%	Jornais
Vídeos	02	33,33%	Vídeos
Brinquedos	02	33,33%	Brinquedos

As tabelas acima mostram os recursos utilizados pelos professores dos 1º e 2º anos no processo de alfabetização dos seus alunos. Foram apresentados sete (07) itens diferentes, onde os que mais se destacaram nas turmas dos 1º anos foram: a cartilha, com 100%, seguida de textos diversos/jogos e histórias, com 83,33%; os que menos se destacaram foram os jornais/vídeos e brinquedos, com 66,66% de utilização. Quanto aos dados apresentados pelas turmas dos 2º anos, os que obtiveram mais destaque foram: os textos diversos, com 100% de utilização; seguido de jogos/histórias, com 83,33%; jornais, com 50%; e, por último, vídeos/brinquedos, com 33,33% de utilização.

**Dados referentes à organização da sala de aula:****Tabela V - 1º ano**

<b>Organização da sala</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência %</b>
Montada em um único ambiente, onde são desenvolvidas sempre as mesmas atividades	—	—
Montada em único ambiente, onde são desenvolvidas atividades diversificadas	06	100%
Montada em mais de um ambiente, com livros, cartazes, revistas e outros.	—	—
Montada em mais de um ambiente, com livros, cartazes, revistas e outros que são pouco utilizados.	—	—
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

**Tabela V - 2º ano**

<b>Organização da sala</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência%</b>
Montada em um único ambiente, onde são desenvolvidas sempre as mesmas atividades.	—	—
Montada em único ambiente, onde são desenvolvidas atividades diversificadas.	06	100%
Montada em mais de um ambiente, com livros, cartazes, revistas e outros.	—	—
Montada em mais de um ambiente, com livros, cartazes, revistas e outros que são pouco utilizados.	—	—
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>100%</b>

A análise dos dados acima é referente às formas de organização das salas de aula dos educadores pesquisados nas turmas dos 1º e 2º anos, onde 100% dos entrevistados das (duas) turmas responderam que as salas são montadas em único ambiente, porém com atividades diversificadas.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As “antigas” práticas educacionais de ensino introduzidas na alfabetização brasileira (antigas porque já não cabem mais no mundo contemporâneo) ainda são os principais métodos adotados por muitos educadores no processo de aprendizagem dos seus alunos. As práticas de

ensino desenvolvidas pelos professores das turmas dos 1º e 2º anos das escolas municipais de Aragarças-GO comprovam esta afirmativa, isto porque a educação brasileira caminha lentamente para um novo sistema, na tentativa de promover uma educação significativa para o educando.

A pesquisa demonstrou que todos os professores utilizam recursos diversificados no processo de ensino, porém, a maior parte das atividades é desenvolvida com base no método tradicional. Este índice é maior nas turmas dos 1º anos (levando em conta que é onde se inicia a etapa de alfabetização), em que o uso da cartilha ainda é a prática mais utilizada. Os métodos desenvolvidos em sala de aula pelos educadores brasileiros ainda seguem um padrão tradicional, baseando-se num ensino que introduz ao indivíduo um conhecimento codificado e decodificado, ou seja, o aluno é levado a aprender a ler e escrever através de métodos padronizados.

Nessa perspectiva, para que a introdução do conhecimento tenha um significado real para o educando, a alfabetização deve levar em conta as transformações ocorridas historicamente no desenvolvimento educacional e sociocultural do Brasil, onde através dos avanços tecnológicos impôs a população a um padrão de vida socialmente subjetivo, que está sempre reagindo às constantes mudanças do mundo contemporâneo. Sendo assim, a proposta da aprendizagem significativa pode ser um “ponta pé” inicial para o atendimento das novas exigências deste “novo mundo”, que entende que o meio social em que o indivíduo está inserido é parte do seu conhecimento prévio do mundo, e para que a aprendizagem tenha um significado real, a alfabetização deve levar em conta estes fatores na construção do saber.

## 5. REFERÊNCIAS

- BELLO, José Luiz de Paiva. **História da educação no Brasil. Rio de Janeiro/2001.** Disponível em: <file:///C:/Users/Cleria/Documents/historia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o.htm>. Acesso em: 05 jun. 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú.** São Paulo: Scipione, 1998.
- CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antônio. **Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo.** São Paulo, 2006.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FILHO, Irineu A. Tuim Viotto; PONCE, Rosiane de Fátima; ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira. **As compreensões do Humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena**

**introdução às teorias e suas implicações na escola.** Psic. Da Ed., São Paulo, 29, 2º sem. de 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n29/n29a03.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **O essencial da didática e o trabalho do professor em busca de novos caminhos.** Publicado em novembro de 2001. Disponível em: <[http://www.ucg.br/site\\_docente/edu/libaneopdf/didaticadoprof.pdf](http://www.ucg.br/site_docente/edu/libaneopdf/didaticadoprof.pdf)>. 2001. Acesso em: 25 set. 2012.

MASINI, Elsie F. Salzano. **Aprendizagem significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos.** São Paulo, 2010. Disponível em: <[www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo.../v1\\_n1\\_a2011.pdf](http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo.../v1_n1_a2011.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos da alfabetização no Brasil.** Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2012.

ROVANI, Andressa. **O aluno errou? Nada mal.** Nova Escola. V. 170, pg. 40-41, março de 2004.

SANTOS, Júlio César Furtado. **O desafio de se promover a aprendizagem significativa.** UNIABEU RJ. Disponível em: <[www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf](http://www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2012.

SILVA, Maria Vieira. A história da alfabetização no Brasil - **A constituição de sentidos e do sujeito da escolarização.** Instituto de estudos e linguagem (UNICAMPI). 1998. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/100/165/TeseseDissertacoes/HistoriadaalfabetizacaonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita/** 16. Ed. Petrópolis, R J: Vozes, 1948.